

Editorial

Mulheres, gênero, feminismos: a reescrita da História a partir do Sul global

Karina Aparecida de Lourdes Ferreira

É com muita satisfação que a equipe editorial da *Temporalidades*, revista discente do programa de pós-graduação em História da UFMG, apresenta a sua trigésima oitava edição. O atual dossiê temático *Mulheres, gênero, feminismos: a reescrita da história a partir do Sul global* vem a público no segundo número do décimo quarto volume do periódico. Além dos textos do dossiê, composto por 12 artigos e 3 entrevistas, a edição também traz à comunidade acadêmica 11 artigos livres, 2 transcrições documentais comentadas e 1 resenha, recebidos em fluxo contínuo.

O dossiê reúne um conjunto de trabalhos, em diferentes estágios de amadurecimento, com o objetivo de difundir reflexões sobre temas caros à História das mulheres, aos estudos de gênero e aos movimentos feministas, tendo em vista as particularidades colocadas pelo Sul global. Com esse esforço, pretendemos lançar luz sobre a diversidade social e teórica compreendida nesse amplo horizonte de análise, assim como suas possibilidades e perspectivas. Tratando-se, contemporaneamente, de um panorama de estudos consolidado, extremamente fértil, heterogêneo e multifacetado, ele segue, com suas naturais divergências internas, desafiando paradigmas ditos dominantes, ao reafirmar a existência de vozes, experiências e epistemologias outras. Os fortes vínculos com a História Social, em especial com a História vista de baixo, e com a escrita engajada, que marcaram seu desenvolvimento, conferiram às investigações dedicadas aos temas caros aos estudos de gênero e decoloniais a inconformidade com a História contada a partir de uma perspectiva hegemônica. A fecundidade do panorama deste dossiê, está, como se vê, associada a amplos movimentos de militância e reflexão teórica, ao alargamento das noções de fonte e objeto e outras revisões metodológicas e epistemológicas.

A chamada e a concepção desse número, em agosto de 2022, foram estimuladas por uma conjuntura de recessão política marcada pelo contundente aprofundamento das desigualdades sociais e por um governo que atuou continuamente na direção da promoção do descrédito de nosso frágil regime democrático. Com efeito, em âmbito nacional sofríamos os impactos causados pela ascensão de uma direita ultraconservadora autoritária, cujas pautas afetaram de forma mais brutal os grupos sociais já tradicionalmente mais marginalizados. Cenário que culminou no nefasto

episódio do dia oito de janeiro de 2023. Pensar a história das mulheres, os estudos de gênero, e os feminismos desde o Sul global assume um lugar de centralidade na superação dos retrocessos dos últimos anos e no enfrentamento dos desafios políticos e sociais que se impõem com urgência à nossa sociedade hoje.

A revista *Temporalidades*, nesse sentido, reafirma, mais uma vez, seu compromisso com a produção e difusão do conhecimento histórico, assim como convida a comunidade acadêmica ao engajamento numa análise crítica da realidade. Os constantes ataques feitos nos últimos anos ao conhecimento científico e, de maneira mais severa, às ciências humanas, como na forma dos cortes e desvalorização das bolsas de pesquisa, implicaram em inúmeros contratempos para o nosso campo disciplinar e para todos os aspectos que envolvem o trabalho acadêmico. Essa conjuntura hostil àqueles engajados com a democracia e com o conhecimento científico trouxe dificuldades extraordinárias para os/as profissionais da pesquisa e do ensino de História, mas, ao mesmo tempo, escancarou a incalculável contribuição social de nosso trabalho e, em particular o tanto que este incomoda àqueles que abraçam projetos e práticas autoritárias. É motivada por essas questões que a *Temporalidades* traz para os/as leitores/as a presente edição e reforça a importância do trabalho comprometido com o escrutínio e com a transformação da sociedade.

Tal empreitada não seria possível sem as contribuições de muitos/as pesquisadores/as. Nesse sentido, expressamos publicamente nosso agradecimento à Mariana de Moraes Silveira que nos presenteou com o texto de apresentação desse número. Agradecemos também às entrevistadas Ana Maria Veiga, Ana Paula Vosne Martins e Susane Rodrigues de Oliveira que prontamente aceitaram nosso convite e tão generosamente teceram valiosas considerações para os/as jovens pesquisadores/as interessados no fértil campo temático desse dossiê. Aos/às pareceristas, aos/as quais deve ser creditado parte importante da qualidade dos artigos que publicamos, nosso muito obrigado por oferecerem, através de seu trabalho invisível, condições para o amadurecimento de tantos/as autores/as, não raras vezes, em suas primeiras experiências de publicação. Finalmente, somos muito gratos aos/as autores/as que confiaram seus textos a uma iniciativa completamente discente e sem nenhum tipo de financiamento, que teima em seguir com esse trabalho a despeito dos últimos anos de desmonte da universidade pública.

O dossiê temático é iniciado com a pergunta que dá título ao artigo de Ana Cristina Figueiredo de Frias: *No futuro, que história das mulheres contaremos a partir do Sul?*. A autora procurou analisar o significado dos feminismos, a partir de um ativismo digital feminista, que emergiram no contexto da última década (2010-2020) na América Latina. Essa ocorrência ampliou o debate

público em torno do tema, principalmente em função das campanhas *#unvioladorensucamino* no Chile, *#niunaamenos* na Argentina e *#nãoénão* no Brasil.

A seguir, é outra questão que dá o tom do artigo de Carla de Oliveira Romão. Em *E não sou eu uma mulher?* Sobre ser mulher negra, a autora, partindo da produção intelectual de escritoras como Patricia Collins, Angela Davis, Lélia Gonzalez e Djamila Ribeiro, refletiu sobre as mulheres negras a partir de sua existência corporificada numa sociedade que definiu uma construção política e identitária em torno do ser mulher. A autora também buscou compreender o papel do feminismo negro no interior da luta das mulheres.

No artigo *Entre a Escrita Negra e a Escrita Feminina de Resistência à Escravidão*, José Endoença Martins discutiu as relações entre escrita negra e escrita de mulher negra na literatura Afroamericana. O autor partiu das narrativas de Linda Brent e de Sethe Suggs protagonistas de *Incidents in the Life of a Slave Girl, Written by Herself*, de Harriet Jacobs (1861) e de *Beloved*, de Toni Morrison (1987), respectivamente. O diálogo entre as duas obras e a aproximação entre as duas mulheres foi feita através da noção de conversão política para o autoamor libertador, o qual lhes garantiu a fuga da escravidão para a liberdade.

Bruna Gonçalves Ferreira, no trabalho *Racismo Genderizado: a mulheridade negra em No seu pescoço* (2009) de Chimamanda Adichie, investigou o racismo genderizado por meio de representações e metáforas presentes na narrativa do livro de contos *No seu pescoço* de Adichie. Ao objetivar compreender como o racismo genderizado foi trabalhado pela autora, essa opressão foi percebida pela autora em cinco temáticas distintas: Descolonização, Imigração, Afetividades, Políticas do Corpo e Aspectos Narrativos.

Maria do Carmo Lima de Oliveira Cavalcante, no artigo *A trajetória da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917)*, abordou a trajetória pessoal e profissional de Maria Firmina dos Reis, focando em sua carreira como docente e escritora, bem como em sua relação com a imprensa do Maranhão no século XIX. A autora também discutiu o ressurgimento da escritora a partir da segunda metade do século XX e sua relevância para os estudos acadêmicos atuais, principalmente para àqueles voltados às discussões de gênero e escravidão nos anos de 1800.

O trabalho de Tatiana de Carvalho Castro *A escrita de si produzida por Carmen Santos nas páginas do Jornal das Moças, 1931-1934* tratou do papel autoral de Carmen Santos enquanto cronista e produtora da sua própria escrita por meio da publicação do seu diário pessoal nas páginas da revista ilustrada *Jornal das Moças*, voltada para o público feminino. O recorte temporal condiz com sua intensa presença na discussão do iniciante cinema brasileiro e com a produção do seu filme *Onde a*

terra acaba. A autoria de Carmen Santos foi abordada enquanto produzida por uma mulher em uma sociedade que buscava silenciá-la, assim como fez com muitas outras atuantes no início da história do cinema brasileiro.

Em *Imprensa alternativa negra e a escrita decolonial: o prelúdio do Nzjinga Informativo*, Danyela Barros Santos Martins de Queiroz analisou o editorial do jornal *Nzjinga Informativo*, escrito por um coletivo de mulheres negras. A autora procurou identificar os principais pontos levantados sobre as questões de raça e gênero, e observou como eles se contrapunham ao feminismo eurocêntrico, podendo ser localizados posteriormente nas formulações feministas decoloniais.

Em *A colonialidade de gênero: encontros e desencontros contemporâneos sobre o gênero na América Latina*, Felipe Cromack de Barros Correia, fez uma leitura da colonialidade do Poder, Saber e Ser, conceitos formulados no interior do grupo *Modernidade/Colonialidade*. O autor partiu dos escritos de Aníbal Quijano, Nelson Maldonado-Torres e Walter D. Mignolo para apontar que, embora ocupados com as opressões iniciadas na colonização das Américas, esses autores não concederam importância para o gênero como produtor de hierarquias e dicotomias, ainda visíveis no presente. Recorrendo então a Maria Lugones, Gayatri Spivak, Karina Bidaseca, Rita Segato e Oyèrónké Oyèwùmí, foram apresentadas diferentes vertentes que problematizaram a existência, ou não, da categoria “gênero” antes da intrusão colonial na América Latina.

Em *De quem é essa história: o local da memória histórica das mulheres nos espaços públicos de Porto Alegre*, Betina Gamalho propôs uma discussão sobre a historiografia e seus silenciamentos. Partindo da observação crítica dos lugares urbanos de memória e dos monumentos públicos de Porto Alegre, a autora buscou compreender o modo como se deu o apagamento histórico das mulheres na cidade.

Em *O capitão cafetão e o bordel cívico-militar em Fortaleza dos anos 1940*, José Humberto Carneiro Pinheiro Filho refletiu sobre o aumento da população na cidade de Fortaleza e a decorrente emergência de discursos, práticas e disputas em relação aos diferentes corpos que passaram a ocupar a espacialidade da cidade. O foco foi direcionado especialmente aos limites corporais e espaciais da prostituição, evidenciando tensões no que se refere às relações de gênero, de raça e de sexualidade.

Bruna Ferreira Lopes, no artigo *As mulheres foram à luta: A militância feminina estudantil na Ditadura Militar brasileira*, problematizou as representações das mulheres que fizeram parte da militância política durante a ditadura militar. Tendo como foco a participação feminina frente ao

movimento estudantil nas décadas de 1960 e 1970, a autora lançou luz sobre os impactos da atuação das militantes frente a então crescente onda de conservadorismo que assolava o Brasil após o golpe de 1964. O objetivo do trabalho foi resgatar a memória destas mulheres, analisando a presença destas nas frentes estudantis por meio de três trajetórias: Helenira Resende de Souza Nazareth, Catarina Meloni Assirati e Suely Yumiko Kanayama.

É outra pergunta que dá nome ao artigo de Alessandro Cerqueira Bastos e que encerra o dossiê temático. Em *As masculinidades populares são hegemônicas?* Notas sobre masculinidades, gênero e poder na Bahia (Feira de Santana), o autor discutiu a construção de masculinidades pelos segmentos populares no interior da Bahia, em fins do século XX, através da análise de casos encontrados em documentos de natureza jurídica. O autor teve como objetivo compreender de que forma a masculinidade hegemônica definiu esses sujeitos e entrevistou nas experiências, vivências e ideais da classe trabalhadora.

A seção de artigos livres é aberta com o trabalho *O inventário do inventário: uma análise micro-histórica*, de Leonardo Silveira. O autor discutiu a relevância dos estudos micro-históricos e dos inventários para o entendimento dos processos históricos do passado, através da análise da cultura material de uma família ituana do século XIX

Valdeci da Silva Cunha, em *Representações da violência, da pobreza e da resistência cotidianas nos Poemas da Colonização' de Oswald de Andrade*, analisou a criação poética de Oswald de Andrade inserida no capítulo “Poemas da Colonização” do livro *Pau-Brasil* (1925). O autor destacou a presença de uma narrativa centrada na representação da violência, da pobreza e das formas de resistência no cotidiano das relações entre os fazendeiros e a vida dos escravizados do Brasil colonial.

Em *As ondas do rádio na nova capital em construção: A Rádio Nacional de Brasília (1958-1960)*, José Gomes do Nascimento analisou o início das atividades radiofônicas da Rádio Nacional de Brasília no contexto de construção da nova capital. Para o autor, o final da década de 1950 ainda era um momento de afirmação do rádio como meio de comunicação de massa, sendo, por isso, utilizado também como veículo divulgador da iniciativa de construir Brasília.

Gilson Moura Henrique Junior abordou as diferentes formas que a classe trabalhadora se fazia representada nas obras cinematográficas de horror *Drácula* (1958) e *A Noite dos mortos vivos* (1968) em *Do cocheiro invisível ao protagonista negro: as representações dos trabalhadores nos filmes de horror*. O autor trouxe à luz uma trajetória de representações que partiram de uma invisibilidade ou uso acessório de trabalhadores como personagens quase ocultos até o final dos anos 1960,

momento em que estes passaram a atuar como protagonistas dentro das narrativas fílmicas, período que coincidiu com a ocupação de questões raciais e de gênero nas telas de cinema.

Em *Luiz Rosemberg Filho: um cineasta “marginal”?*, Izabella Cardoso teve como ponto de partida o estudo de caso de Luiz Rosemberg Filho, procurando traçar aproximações e distanciamentos entre o cinema marginal e o cinema novo da década de 1970. A autora também analisou o papel desempenhado pela Embrafilme nesse contexto do cinema nacional.

Em *Escrita urbana: a cidade como protagonista da resistência contra a ditadura militar brasileira*, Samuel Leite Fonseca Romão articulou o conceito de espaço aos processos de resistência à ditadura militar brasileira no nível do cotidiano, tendo a escrita urbana como fonte. O autor propôs olhar para as cidades, buscando ver como seus muros e ruas ganham destaque no processo de formação e transformação da sociedade, e, no contexto ditatorial, como o espaço se torna produtor e reproduzidor de uma cultura de resistência.

Em *Ditadura Civil-Militar (1964-1985): Educação e Civismo - Um estudo de caso sobre a EEM Joaquim Magalhães de Itapipoca-CE*, Antonio Robson Oliveira analisou as reformas e as ações dos militares no campo educacional, durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), promovendo paralelos entre o caráter moralizante do ensino, a criação dos Centros Cívicos e o uso do civismo, nas décadas 60, 70 e 80.

Osnan Silva de Souza, em *Um estudo sobre o furto no mundo do trabalho em Salvador durante a Primeira República*, analisou o desenvolvimento do dinamismo do furto no mundo do trabalho em Salvador durante a Primeira República brasileira. Para tanto, o autor investigou jornais e periódicos do período compreendido entre 1889 e 1930, notando uma série de notícias e informações que indicam uma ampla hostilidade entre patrões e empregados.

Em *Que bloco é esse: reflexões sobre o racismo no carnaval de Salvador nas últimas décadas (1999-2022)*, Davi Miguel de Souza Santos analisou a Comissão Especial de Inquérito do Racismo (1999) instaurada para investigar denúncias de criação de barreiras raciais, visando a exclusão de foliões negros dos blocos de trio particulares.

O objetivo de *Cibercultura e docência no século XXI: Novos desafios a partir das considerações de Pierre Lévy*, de Deivid da Costa Trindade, foi abordar os desafios que a docência tem enfrentado com o crescente avanço da cibercultura. O autor partiu dos estudos de Pierre Lévy, os quais destacam a importância da cibercultura nos meios de ensino, para tentar responder à pergunta: qual o papel do professor e sua prática docente frente aos novos desafios impostos pela cibercultura?

Em *A dinâmica política e religiosa neerlandesa no seiscentos: uma análise das implicações do contexto da República das Províncias Unidas para seus empreendimentos expansionistas*, Rodrigo Bastos de Assis Ferreira abordou a relação entre as conquistas ultramarinas e o consequente avanço do comércio neerlandês com o movimento republicano europeu nos Países Baixos. Atritando as influências de questões econômicas, políticas e religiosas, o autor tratou também e emergência da sociedade holandesa no século XVII.

Na seção de transcrições publicamos a contribuição de Elias Theodoro Mateus que disponibilizou ao/a leitor/a a justificação de sevícias de Pulchéria Maria de São José direcionada a seu marido Custódio Alves da Costa, em *Saltando as barreiras do matrimônio: as estratégias de Pulcheria Maria para se divorciar no Brasil joanino*. O documento transcrito suscita inúmeras questões e debates, dentre as quais sobre temas que tocam as relações de gênero no período colonial, aos procedimentos judiciais, sobre os arranjos matrimoniais, familiares e patrimoniais.

Em *Reflexos da Conferência de Berlim (1884-1885) nas relações entre Portugal e o país de Gaza*, Luiz Felipe Florentino apresentou a transcrição de uma cópia de um relatório escrito em 16 de Janeiro de 1888 por Casaleiro d'Alegria Rodrigues, residente chefe em Gaza, para o secretário geral do governo da Província de Moçambique, documento elaborado num contexto de disputa diplomática entre Portugal e Inglaterra. Através de seu conteúdo, é possível identificar o acirramento da corrida colonial africana, os reflexos do princípio de ocupação efetiva estabelecido na Conferência de Berlim, e as implicações desta resolução internacional nas políticas coloniais de Portugal voltadas à Moçambique.

Na seção de resenhas publicamos o texto de Andressa Ferreira, que discutiu a coletânea intitulada *Jörn Rüsen: teoria, historiografia, didática*, lançada em 2022 pela editora Cabana. O livro, que conta com a colaboração de diversos autores, propõe um diálogo sob diversos prismas da vasta obra do historiador alemão, especialista em Teoria e Didática da História.

Desejamos a todas e todos uma excelente leitura e fazemos votos de que o tempo vindouro seja propício à reconstrução do país!